

AS DINÂMICAS DE RECIPROCIDADE DOS SERES HUMANOS E NÃO-HUMANOS NOS MORROS VIVOS DE PIXAIM

WALDSON DE SOUZA COSTA¹

O presente ensaio fotográfico é um desdobramento da pesquisa ‘Nos Morros Vivos de Pixaim – As dinâmicas dos conhecimentos no ambiente’, que a partir das concepções da Antropologia Ecológica e Visual faz uma abordagem sobre as relações sociais, as memórias e formas de transmissão de conhecimentos estabelecidas entre os seres humanos e não-humanos que coabitam o povoado Pixaim.

Situada sobre os Morros Vivos– dunas de areias que andam e falam – da Área de Preservação Ambiental (APA) de Piaçabuçu, território peninsular localizado no Sul do estado de Alagoas, no Nordeste do Brasil, Pixaim encontra-se imersa no ecossistema da Foz do São Francisco, lugar onde a água doce do rio e a salgada do mar do oceano Atlântico se misturam proporcionando dinâmicas que envolvem fenômenos que são resultados da interação simétrica entre humanos e não-humanos.

Assim, o exercício que proponho nesta narrativa visual é de fazer um deslocamento da ótica que estabelece a ideia do humano como elemento central do universo, para, em seguida, poder ampliar a percepção da inter-relação simétrica entre humanos e não-humanos na construção da vida. Portanto, as fotografias que compõem este ensaio buscam pensar as categorias Natureza e Cultura de forma integrada, descartando assim a concepção binária que deixa de considerar a possibilidade de que parte das coisas que nos rodeiam (incluindo até mesmo os seres humanos) estão situadas em estágios intermediários, ao entender que as coisas podem ser ao mesmo tempo naturais e culturais (DESCOLA, 2016).

Portanto, as imagens deste catálogo ao mostrar as dinâmicas da vida nas areias do Pixaim coloca em evidência de forma simétrica os interlocutores humanos e não-humanos. Pois, compreende-se que todos os seres que coabitam o lugar compartilham desde características da vida como o nascer, crescer e morrer; assim como, habilidades de andar, falar, compartilhar experiências e memórias. No entanto, se humanos e não-humanos são capazes de construir o cotidiano e relações de reciprocidades entre si, não é justo que as narrativas da vida sejam visualizadas de uma só perspectiva.

Assim, diante do desafio de registrar em imagens as simetrias das dinâmicas dos humanos e não-humanos no território dos Morros Vivos, optei por construir esta narrativa visual a partir de estratégias da Antropologia Visual Compartilhada, método desenvolvido por Jean Rouch que envolve a interação direta entre pesquisador e interlocutores na produção de experiências e conhecimentos estruturados.

Desta forma, ao adotar a concepção de que a fotografia no contexto sociológico-etnográfico só é útil quando ela faz sentido para determinada pessoa ou determinado público (MARTINS, 2017) e que a fotografia é um importante recurso para lidarmos com a vida e o mundo, já que vivemos com imagens e compreendemos o mundo através de imagens (BELTING, 2014), me deixei ser guiado no campo de pesquisa pelos interlocutores, permitindo que eles redirecionassem o meu olhar para coisas que possuem sentidos e importância no Morros Vivos.

Com isso, embora a maioria das fotografias tenham sido captadas por mim tecnicamente (sujeito que opera a câmera), todas as imagens aqui presentes foram coproduzidas pelos interlocutores humanos e não-humanos que contribuíram hora com narrativas, memórias e presencialmente apontando o que deveria ser evidenciado nas imagens; hora com as interpretações de sentidos sobre as coisas que haviam sido captadas pela câmera e transformada em fotografia no papel.

¹Mestrando em Antropologia Social pelo PPGAS-UFAL e membro do grupo de estudo Antropologia Visual em Alagoas (AVAL).



















A narrativa visual começa com a fotografia (Figura 1) que exige concentração na observação do leitor por se tratar de uma imagem que expõe a ideia de simetria visual entre humanos e não-humanos, fazendo-os se misturarem de determinada forma onde é quase impossível perceber e separar o ser humano das coisas do ambiente, colocando assim todos os seres como parte integrante na composição da vida nos Morros Vivos.

Na sequência segue-se por uma concepção que envolve a relação de reciprocidade entre os humanos e não-humanos, demonstrando que a vida no lugar depende de contratos e códigos estabelecidos entre as partes que se organizam no mundo reconfigurando os espaços que coabitam. Com isso é possível observar (Figura 2) que no compartilhar do espaço geográfico ambos os seres adotam estratégias para se perpetuarem na vida. Enquanto os humanos fazem uso de conhecimentos específicos para se protegerem de intempéries, a exemplo de posicionar moradias em locais específicos, os não-humanos (no caso específico as areias) percorrem, assim como fazem os meninos, espaços livres dentro da comunidade. Neste coabitar é possível perceber espaços que temporariamente pertencem aos humanos (Figura 3) e que temporariamente pertencem ao não-humanos (Figura 4), que ao longo da vida podem compartilhar os mesmo espaços ou se dividirem em acordos de reciprocidades.

Em seguida, após enfatizar os acordos pela divisão dos espaços no território dos Morros Vivos, a narrativa visual apresenta as habilidades de fluxos e movimentos dos humanos e não-humanos que caminham constantemente sobre os morros construindo o cotidiano e a vida. Para isso, segue a imagem (Figura 5) onde homem e areias dividem o primeiro plano da fotografia ao caminharem em direção oposta. Há neste processo também a presença do fluxo de animais (Figuras 6 e 7), que também compartilham o caminhar sobre as areias assim como fazem os humanos (Figura 8).

E para finalizar a narrativa visual um terceiro conjunto de fotografias evidencia as texturas (Figura 9) deixadas nos espaços e paisagens pelos humanos e não-humanos no caminhar da vida. Marcas e rastros que envolvem vivências que podem estar visíveis na superfícies ou resguardadas nas memórias. Os rastros, ou pegadas, que estão por todos os lugares nos morros (Figura 10, 11 e 12), possuem a capacidade de informar quem ou que circulou sobre lugar, como também, de que forma e intensidade a vida segue no Pixaim.

REFERÊNCIAS

BELTING, Hans. **Antropologia da imagem paraumaciência da imagem**; Lisboa: KKYM+EAUM, 2014.

DESCOLA, Philippe. Além de Natureza e Cultura. In: **Tessituras**, Pelotas, RS, Vol. 3, N° 1, p. 7-33, jan-jun 2015.

_____. Philippe. **Outras Naturezas, Outras Culturas**. Editora 34, São Paulo, SP, 2016.

MARTINS, José de Souza. **Sociologia da Fotografia e da Imagem**. Editora Contexto, São Paulo, 2017.

Recebido em: 20 de dezembro de 2017.
Aprovado em: 07 de março de 2018.
Revista Mundaú, n.3, 2017, p.176-187